

UCRANIANOS NA EUROPA E NO BRASIL: UMA HISTÓRIA CAMPONESA

Pedro Alves De Oliveira¹

RESUMO

O povo Ucraniano pertence ao grupo indo-germânico, um velho povo eslavo que se formou de elementos vindos de países da Ásia Menor e do Mediterrâneo. Este artigo tem como objetivo mostrar a memória ucraniana que é marcada pelo espaço campesino é bem recente a fisionomia urbana deste povo. No final do século XIX e início do século XX, o porto de Paranaguá recebeu muitas levas de europeus. A notícia de terras férteis no sul do Brasil, havia atingido o outro lado do Atlântico. Os imigrantes, após deixarem o porto e atingirem Curitiba, formavam verdadeiras vilas ao redor da capital paranaense, na espera de adentrarem para o interior. Caracteriza-se este período, pela participação acentuada do grupo étnico ucraniano. O afluxo de imigrantes ucranianos para esta região é elevado e só é interrompido com a Primeira Guerra Mundial, somente retornando no início da década de 1920.

Palavras-chave: História, Ucranianos, Imigração, Colonização.

UKRAINIAN IN EUROPE AND BRAZIL: A PEASANT HISTORY

ABSTRACT

The Ukrainian people belong to the Indo-German group, an old Slavic people who formed from the elements from Minor Asia and the Mediterranean. This article has how objective to show the Ukrainian memory that is marked by Ukrainian peasant space is still very recent in urban physiognomy of this people. In the final of the nineteenth century and beginning the twentieth century, the people from Paranaguá PR received a lot of quantities of Europeans. The news of fertile land in southern Brazil, reached across the Atlantic. Immigrants, after leaving the port and reach Curitiba, formed true villages around the capital of Parana, in the hopes of stepping into the countryside. Characterized this period, marked by the participation of the Ukrainian ethnic group. The influx of Ukrainian immigrants to this region is high and is only interrupted by World War I, only returning in the beginning of the nineteen twenty decade.

Key-Words: History, Ukrainian, Imigration, Colonization.

¹ Professor Mestre em Historia pela UPF-RS ministra aula nos cursos de Historia, Geografia e Pedagogia da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe - UNIARP, e-mail: ppoliveira@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Determinados períodos da história de uma nação são especialmente significativos, não porque representam um rompimento radical com as estruturas sociais, políticas ou econômicas anteriores, mas porque neles os agentes históricos procuram dar novas dimensões e significados à realidade passada, a fim de construir no presente um mundo adequado a seus próprios projetos. A história camponesa da etnia ucraniana, partindo do leste europeu em direção ao ocidente, atingiu o Brasil no final do século XIX e todo o início do século XX. Pressionados em seu espaço ancestral pela disputa das terras férteis numa situação de servidão, estes camponeses submeteram-se às Companhias Marítimas para o transporte, e as Companhias Colonizadoras para atingirem o local de destino, neste caso o sul do Paraná e o norte de Santa Catarina. A evolução histórica e política do povo ucraniano chegam ao século XX numa trilha de complexidade na busca de liberdade, ocupação do espaço, terra para a agricultura, expressão e manutenção cultural. As razões pelas quais eles emigraram estaria motivado pela busca de terra e trabalho, fugir da servidão que reinava no leste da Europa, além do sonho de uma vida melhor. Na chegada como imigrantes ao Brasil, foram direcionados para as terras férteis do vale do rio Iguaçu adentrando para a região Contestada. Tal região foi marcada pelo conflito do Contestado, após a construção da ferrovia São Paulo Rio Grande do Sul, e a disputa pela posse da terra. A etnia ucraniana superou adversidades e conseguiu produzir do sonho europeu à realidade camponesa em solo brasileiro. Hoje as colônias continuam produzindo nas pequenas propriedades, conservando sua tradicional cultura com base na religiosidade e procurando manter o espírito camponês vivo entre as comunidades do vale do Iguaçu.

DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

O POVO

O povo ucraniano pertence ao grupo indo-germânico, um velho povo eslavo que se formou de elementos vindo dos países da Ásia Menor e do Mediterrâneo.

Seu berço é o mesmo de todos os eslavos. Conexões com grupo asiático de tribos indo-germânicas permaneceram por centena de anos e foram destruídas por hordas nômades dos Urais.

Os ancestrais dos Ucrânicos eram tribos separadas sem se preocuparem com a unidade nacional. Só quando surgiram as vilas de Kyev, Chernykyv e outras, e quando as ligações comerciais foram desenvolvidas que eles passaram a se unir sob a direção de um viking germânico. O Estado de Kyev não é uma criação dos normandos; resulta de um longo processo de desenvolvimento interno das sociedades eslavas do oeste e de uma direção enérgica dos guerreiros estrangeiros rapidamente Russificados.

Notamos que os eslavos aparecem no cenário da história por volta do início da era cristã, sendo inclusos no contexto das grandes migrações dos povos europeu. Depois do início dos fluxos migratórios que os conduzem ao litoral dos mares Báltico, Adriático, Egeu e aos maciços alpinos, por volta do século VI, os eslavos começaram a fundar pequenos estados efêmeros nos territórios compreendidos hoje pela Ucrânia, Polônia, Alemanha, Hungria, sul da Áustria e norte da Albânia. A disputa por espaços entre grupos tribais, pequenos estados e até impérios sempre movimentou o leste da Europa, especialmente quando se tratava da cobiça por terras férteis.

OCUPAÇÃO ESPACIAL

Sendo Constantinopla a capital do Império Romano do Oriente, e com ela entrando o contato comercial e cultural, o Estado de Kiev desempenhou nos séculos IX a XII um grande papel na Europa. Os seus principais chefes desse período foram Sviatosláv, o Conquistador, grande guerreiro, que chegou a atacar com armas até às proximidades de Constantinopla; Volodymyr, o Grande que vai se converter ao Cristianismo e oficializou a religião no Estado de Kiev, criou ainda as estruturas hierárquicas da igreja ucraniana, elevou a cultura do povo, difundindo sua fé.

Por volta de 1795, as terras ucranianas que estavam sob o domínio polonês, passaram para o controle russo grande parte delas, enquanto a Áustria ficava com a parte ocidental, a Galícia e a Bucovina.

No início dos anos de 1900, escritores, poetas e historiadores começam a escrever sobre a massa camponesa e suas necessidades, suas terras e a condição

miserável de algumas regiões, em especial da Bucovina e Galícia. O poeta Lúri Fedkovitch (1834-1888), usa a linguagem pitoresca dos Cárpatos e escreve novelas expressando a ideia da união do povo ucraniano em uma nação bucovina. Aqui não podemos deixar de lado o trabalho da escritora Olgha Kobulanska (1863-1942), trata dos mesmos temas, porém procura destacar um espírito de luta. Esta autora atuou como membro ativo do movimento feminino na “Sociedade das Mulheres Rutenas”.

As sementes dos intelectuais ucranianos vão aparecer já no início do século XX com a consciência marcada para um nacionalismo da população, especialmente das aldeias. É aqui que nasce a Sociedade Revolucionária Ucrânia e esta inclui em suas metas a independência, que mesmo num curto período constitucional fez um bom progresso. A educação chegou aos adultos, livros e revistas espalharam-se pelas aldeias e aos poucos os camponeses acordavam para uma consciência nacional e procuravam soluções para as questões sociais.

Na Galícia o progresso avançou rapidamente e quando iniciou a Primeira Guerra Mundial notou-se que havia um bom sistema de educação, cooperativas e comércio, mesmo em conflito com os poloneses a região procurou avançar.

A história da Ucrânia nos mostra que as mesmas potências que reconheceram sua independência pelo tratado de “*Berest – Litovsky*” queriam explorar suas provisões de produção agrícola devido às terras férteis do rico território. Após uma série de movimentos revolucionários, a independência da Ucrânia findava em 1922. As terras repisadas, estradas arruinadas, aldeias abandonadas, a fome apareceu e os animais estão perambulando a procura de alimentos, este é o sinal da incorporação da Ucrânia pela União Soviética.

Cabe ressaltar que as correntes migratórias ampliam-se no planeta, as disputas espaciais e políticas também direcionam os governos, povos e nações.



Figura 1: Mapa da Europa, com a localização da Ucrânia
 Fonte; WEBBUSCA, 2012

MOTIVOS DA IMIGRAÇÃO

Em diferentes momentos o europeu representou a América com o Paraíso. A partir de Colombo (1492), as mais variadas formas de expressão colocaram o Novo Mundo num espaço paradisíaco, gerando lendas, uma vasta iconografia e acima de tudo, alimentando esperanças e ilusões.

Esses deslocamentos eram motivados pela construção de uma nova realidade. Ninguém migra a longa distância sem que exista, ao lado das condições objetivas da vida, um impulso, muito subjetivo, na esfera da esperança, chamado por alguns de ilusão imigratória.

Certamente, “o fazer a América” no século XIX, ampliou a metamorfose do grande fluxo de europeus transferindo-se para a América, realizando o movimento conhecido como a Grande Migração. É provável que os participantes dessa aventura imigratória tivessem a firme crença na força de mecanismos compensatórios capazes de lhes garantirem melhores condições sociais.

Particularmente quando à imigração ucraniana veio para o Brasil, segundo exposto por um pároco no ano de 1911, em um Livro Tombo. Nota-se que havia uma crença étnica de encontrar na América, a “Terra Prometida”:

A prepotência dos ricos sobre os pobres foi a causa porque o povo ia aos poucos abandonando a terra de seu berço com o intuito de além do vasto oceano melhorar a sua deplorável condição. Primeiramente eram a América do Norte, Canadá, os países onde o povo affluía de la granjear-se um sofrível sustento. Só mais tarde foi considerado o Brasil, como um Paraíso de Delicias ao qual principiou em 1894 emigrar o nosso povo ucraniano da Galícia oriental. (LIVRO TOMBO DO CURATO, 1911-1980. p. 1-2)

Essas ponderações indicam que a imigração dos ucranianos não se restringia aos fatores subjetivos. Elas deixam claro que um emaranhado de forças, interagiu para estimular o abandono da terra natal, destacando as condições de submissão social e econômica das camadas populares que, nessas condições, se viam forçados a emigrar.

Entender o “velho” continente europeu dentro do mundo medieval, servidão e absolutismo, é algo de enorme complexidade, especialmente quando mergulhamos no campo das etnias. Aqui nos referimos ao grupo ucraniano numa situação de emigração deixando o leste da Europa e vai seguir caminhos por onde já outros grupos estão trilhando especialmente, italianos, alemães e poloneses em direção ao Brasil.

Perry Anderson, em sua obra **Linhagem para Compreender o Estado Absolutista** analisa a Europa do século XVI em diante, ele busca entender os camponeses no espaço geográfico, político, social e econômico com o objetivo de delinear uma nova perspectiva historiográfica, a partir de sua discordância com as abordagens precedentes. O autor nos direciona para um foco amplo no que tange a Europa ocidental e oriental, suas diferenças e o descompasso social dentro de uma análise das estruturas “puras e impuras”, tendo como objetivo: examinar simultaneamente o absolutismo europeu e em particular as estruturas puras do estado absolutista, que constituem enquanto categoria histórica fundamental, como as variantes impuras, representadas pelas diferentes monarquias específicas da Europa pós-medieval.

A situação espacial do solo europeu, o campesinato e a concentração das terras em poder dos nobres, forçaram situações conflitantes em relação aos motivos emigratórios de toda Europa. Aqui em relação a tal fato, Perry Anderson analisa: Uma vez que as relações servis de produção envolvem uma fusão direta de propriedade e soberania, domínio do poder e domínio da terra, não há nada em si de surpreendente em um estado nobiliário policêntrico, como o que existiu originalmente na Alemanha transilbiana, na Polônia ou na Hungria depois da reação

senhoral do Leste. Para explicar a ascensão subsequente do absolutismo é necessário, em primeiro lugar, reinserir todo o processo da segunda servidão no sistema político internacional da Europa feudal na última fase.

A história do campesinato europeu dividiu o continente em duas versões, enquanto no ocidente o agir da aristocracia rural visava uma mentalidade capitalista, e comutará suas atividades adaptando-se a essa sociedade de transição, sobre a massa proletária. No leste, a aristocracia rural criara uma máquina de repressão, este mecanismo mantém as formas de reprimir o desenvolvimento urbano, consolidando a servidão camponesa.

As etnias oriundas da Europa tiveram como base razões diversificadas para a emigração em direção a América, especialmente quando tratamos de Brasil. Obviamente que a emigração começa com grande força pelo lado ocidental e posteriormente chega ao leste. Situações típicas das causas podem ser enquadradas como o esgotamento das terras para os camponeses, as péssimas relações entre trabalhadores e grandes proprietários, as crises agrícolas, a queda na produção acompanhado da fome, a opressão fiscal feita pelo estado, sobre as terras produtivas, gerando uma miséria social. Nessas condições os camponeses sonhavam com outro tipo de vida num lugar bem distante, onde podiam trabalhar e viver com seus filhos.

Com a chegada de propagandas de terras no Brasil, os camponeses sentiram que podiam transformar seus sonhos em realidades, porém isto tinha um preço. As primeiras levas de emigrados para o Brasil fizeram outro tipo de propaganda. Dizia-se que o maior propagandista das oportunidades no Brasil para a emigração camponesa da Europa era o selo do correio. As etnias vinculadas ao cultivo do solo queriam saber das terras, permaneciam em silêncio imaginando como conseguir dinheiro para emigrar. Alguns vendiam o que tinham e financiavam sua própria partida.

Os conflitos no continente europeu sempre levaram à obrigatoriedade do serviço militar, provocando em muitos casos êxodo rural em algumas regiões, prejudicando a produção agrícola. Mas havia também outra razão pela qual o serviço militar contribuiu para impulsionar a emigração: a impopularidade do estado e da guerra, entre outras causas, levava muitos a tentar emigrar antes de ser chamado às armas. Com o tempo, a emigração tornou-se um meio relativamente fácil para resolver problemas de conflitos sociais, pessoais e até familiares.

Finalmente devemos lembrar os que sempre emigraram por motivos religiosos, raciais, e políticos, embora muitas vezes, tais motivos sejam apenas um véu tentando encobrir causas econômicas e sociais de outra natureza.

A GRANDE LEVA DE AGRICULTORES

Notamos que os processos imigratórios no Brasil são recentes em termos históricos, e podem ser inserido na emergência do capitalismo. Em se tratando dos camponeses ucranianos ainda é bem próximo a nós cronologicamente. Ao findar o modo de produção escravista no Brasil etnias europeias começam a suprir a mão de obra escrava, deixando para traz os problemas da Europa e participando de outros no Brasil.

De um modo geral, a imigração é um investimento compensador; de um lado, o imigrante que significa capital de trabalho; de outro é portador de bens culturais que enriquecem a sociedade de adoção. Além disso, sua mão-de-obra significou a oficialização do trabalho livre no Brasil, propiciou uma transformação na estrutura agrária brasileira e democratizou para a época o uso da terra, possibilitando o surgimento de uma classe média rural. Com o regime de pequenas propriedades, desenvolveram-se atividades agrícolas diversificadas, que contribuíram para dar maior equilíbrio às estruturas econômicas do país, sobre tudo nas regiões beneficiadas pela localização de núcleos de colonização.

Após anos de emigração para o Brasil de etnias da Europa ocidental, é que chegou, ao leste do continente, a notícia de terras para camponeses no sul do Brasil. Talvez, por tal motivo, a etnia ucraniana fosse a última leva de agricultores, que são chamados para criar uma agricultura de abastecimento. Baseado nesta análise, dentro das razões pela qual eles emigraram, o professor Osyp Martenetz nos relata algumas situações da vinda para a América desta etnia como camponeses:

O desenvolvimento histórico da imigração ucraniana no Brasil muitas vezes foi (e continua sendo) para o imigrante, condição a que não fica imune o pesquisador desta imigração: a falta de dados estatísticos comparativos que levem às cifras exatas relativas a essa corrente migratória, já que são muito escassos os documentos nos arquivos portuários ou similares. Essa escassez é agravada por contingências históricas, como, por exemplo, as divisões geográficas da Europa, quando diferentes formações étnico-culturais passaram por domínios políticos diversos e perversos, resultando isso em que muitos imigrantes da etnia entravam no país com passaporte do governo ao qual estavam submetidos. (MARTENETZ, 1996, p.07)

Não obstante, a maioria dos autores fixa o ano de 1896, como ponto de partida, pois data desse ano a saída da Galícia a primeira grande leva de camponeses ucranianos para o sul do Brasil. Consta ainda que um grupo de camponeses deixa a Bukovina região próxima a Galícia, em 1881 em direção ao Brasil, informações que não podem ser tomadas como referência em virtude da falta de documentação convergente. Estes camponeses pelo que se deduz, mesclaram-se com os habitantes locais, de modo que hoje constam apenas seus nomes na lista de migrantes eslavos.

O Convencimento das propagandas por parte do governo brasileiro com as companhias transoceânicas chegou ao mundo eslavo muito depois de outras etnias. “Agentes” espalhavam pela Europa artigos, livretos e comunicados sobre as condições oferecidas pelo Brasil. Nos países eslavos tais agentes encontraram campo dos mais propícios para a sua atuação, e a propaganda decaía em lamentáveis excessos, que exploravam a credulidade do camponês.

Considerando o contexto econômico do leste europeu durante o século XIX, a concentração de ucranianos em zonas rurais é bastante reveladora de sua situação, C. MORAZÉ traz à tona um quadro sombrio deste estrato social, referindo-se às primeiras décadas dos oitocentos:

Desde que nos afastamos do Reno vemos a velha divisão de terras em folhas trienais bordadas com terras comunais e floresta, a velha rotação das culturas que manteve os camponeses da Idade Média. [...] No leste [...] apesar dos esforços tumultuosos de José II, os constrangimentos que pesava sob o servo continuavam a ser de um extremo rigor. Citam-se camponeses que têm que trabalhar de noite em suas terras, por ter estado do nascer ao pôr do sol, ocupados pelo trabalho em benefício do senhor. E ao falarmos em terras camponesas não podemos esquecer que nelas não existe o regime de propriedade de regime individual: as terras [...] pertencem à aldeia que as administra comunalmente, a partir de Elba, à medida que penetramos na Polônia e na imensa Rússia, este sistema comunitário camponês afirmasse, adquirindo a fixidez geográfica. (MORAZÉ, 1965. p. 40.)

Ao longo do século, houve modificações nesse estado de coisas, nuançando a imobilidade social descrita por Charles Mozaré, 1965, p. 45. Muitas delas tiveram caráter mais formal do que efetivamente transformadoras do cotidiano das camadas populares. Na dinâmica das mudanças merece especial destaque a emancipação de gleba, em 13 de abril de 1842.

Por isso mesmo, a tensão social ampliou-se após 1848, pois a dominação econômica e a propriedade quase que exclusiva à terra mantinham-se nas mãos da nobreza latifundiária. Um levantamento em 1900 mostra que 40% das terras

agricultáveis e das florestas da Galícia ainda eram propriedades exclusivas dos nobres. Sem direito às terras comuns, depois de 1848, cerca da metade das famílias camponesas passaram a obter seus ganhos com o trabalho nessas terras. Evidentemente, o fundamento desse conflito entre nobres e camponeses, foi à ausência da garantia do direito à propriedade, acompanhando a abolição da servidão.

Entre os sustentáculos para a manutenção do sistema de servidão, estavam a opressão, a violência e a ignorância. A forma tradicional das relações de trabalho na Galícia era marcada pelas opressivas cobranças servis, o que não gerava incentivo ao trabalho, tudo o que podia mover o camponês para o serviço era a coerção. A este respeito um crítico na década de 1840 dizia que o único motivo da manutenção da servidão na Galícia era a ameaça de um lado e o medo do outro.

Periféricos à industrialização que se processavam na Europa Ocidental, as regiões do leste europeu, ao ingressarem na economia de mercado especializavam-se cada vez mais, em suprir o mercado europeu de grãos. Neste sentido, as crises do capitalismo das últimas décadas do século XIX, afetaram diretamente a região. O aumento na produção de grãos, que crescera enormemente no decorrer do oitocentos, gerava uma superabundância de oferta:

A agricultura foi à vítima mais espetacular desse declínio dos lucros. [...] sua produção, que havia aumentado muito no decorrer das décadas precedentes [...] agora inundava o mercado mundial. [...] As conseqüências para os preços agrícolas, tanto na agricultura européia como nas economias exportadoras ultramarinas, foram dramáticas. Em 1894 o preço de trigo era apenas um pouco mais de um terço do que fora em 1867, um prêmio esplêndido para os compradores, mas um desastre para os agricultores e trabalhadores agrícolas, que ainda representavam entre 40 a 50% dos trabalhadores do sexo masculino nos países industrializados [à exceção apenas da Inglaterra] e até 90% nos outros países. (HOBBSAWM, 1988. p. 59-60.)

Tal situação econômica gerava as mais distintas reações locais sendo que a de muitos ucranianos galicianos foi à imigração. Isto aconteceu a partir do século XIX, devido às más condições sócias econômicas. Muitos ucranianos abandonaram suas terras negras e transferiram-se para a América especialmente para o Canadá, Estados Unidos, Brasil e Argentina.

A CHEGADA AO BRASIL

Conforme artigos e notas elucidativas do Prof. Nikolas Hec, contido no livro

de poesias de Ivan Frankó, “Para o Brasil”, editado e traduzido pela Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana em 1981, a *Haletchená*, como província autônoma de 1772 a 1918, abrangia uma área de 55.377 km², em que 3/5 da área eram utilizados na agricultura e pastagens e o restante eram florestas.

Em média, uma família ucraniana de agricultores vivia em um hectare de terra, e o governo austríaco não tomava nenhuma providência para alterar ou melhorar o quadro econômico, nem favorecer a industrialização do país, a fim de desviar parte da população agrícola para as fábricas, construções, etc.

E devido ao quadro econômico-social de uma região pobre e carente de terras, iniciou-se um processo de emigração da região, partindo primeiramente para os Estados Unidos e mais tarde para o Canadá e Brasil.

Em 1890, o governo brasileiro iniciou uma grande propaganda imigratória, cobrindo à custa das passagens e alimentação dos interessados, desde os portos europeus até as localidades da colonização. A arregimentação de imigrantes confiou às companhias de navegação marítima o transporte dos imigrantes, pagando um preço elevado na época, por cada pessoa que desembarcasse no Rio de Janeiro.

A partir de 1895, o recrutamento de imigrantes para o Brasil era realizado de forma particular, para evitar as possíveis barreiras por parte dos poderosos latifundiários que, com a emigração, ficariam privados da mão-de-obra barata de que dispunham. Desse processo ocupavam-se também os comerciantes da aldeia, em parceria com algum agente ou subagente.

Normalmente todos os emigrantes se registravam em listas dos que se destinavam ao povoamento do Paraná, já que tinham notícias das primeiras 30 famílias que se fixaram em 1894, de que o governo oferecia maiores garantias para a aquisição de terras e o clima se assemelhava ao europeu.

Essa vontade geral de se dirigir ao Paraná era motivo de verdadeiros motins e lamentáveis incidentes na própria Itália, quando os agentes se empenhavam em dirigir os emigrantes para outros estados, como Espírito Santo e Minas Gerais. O roteiro da saída da Galícia era normalmente de Lviv, até os portos da Itália, onde já havia o consulado brasileiro, que ajustava as últimas formalidades e distribuía gratuitamente as passagens por via marítima.

As primeiras grandes levas de ucranianos que vieram ao Brasil, deixaram sua terra natal, a Província da Galícia, no extremo leste do Império Austro-Húngaro, nos últimos anos do século XIX. A ideia de que era possível migrar foi gestada entre

eles de um modo específico, tributário de sua inserção social e política nesse Império na época, já que grande parte dos camponeses não acreditava em terras sem senhores.

Um depoimento de Ivã Pelepiv, registrado em 1932, é um dos raros escritos que tematizam o primeiro contato que uma comunidade de rutenos teve com a ideia da imigração: Pelepiv é considerado pelos historiadores e memorialistas da imigração ucraniana para o Canadá como o primeiro ruteno a chegar ao país. Sua história é atípica porque veio à América por conta própria, antes do início das grandes ondas migratórias da década de 1890, e acabou sendo um dos principais atores do início desse movimento. Por este motivo que ele foi capaz de registrar essa informação rara: a existência de “terra sem senhores” surge no depoimento de Pelepiv como algo impensável para seus conterrâneos. Em seu relato, assim, encontramos um primeiro dado que nenhuma estatística é capaz de revelar: um dos pressupostos básicos que estruturavam as percepções e os discursos dos ucranianos da Galícia era a ideia de que toda e qualquer terra deveria ser possuída por um senhor.

Os ucranianos que vieram ao Brasil no final do século XIX, era uma população quase totalmente composta de camponeses analfabetos, alijada da educação e sem participação na vida administrativa local, com sua vida completamente ligada à atividade na terra e com pouco acesso à educação, esses camponeses não tinham contato com ideias que extrapolassem suas vivências cotidianas na aldeia.

Com esses dados históricos compreende-se melhor que os ucranianos que não pudessem conceber a existência de um mundo sem senhores no final do século XIX, seus ancestrais ocupavam posições servis há inúmeras gerações, e a concepção de um mundo dividido entre servos e senhores era endógena entre eles.

Dos relatos contemporâneos, a migração nos dá informações sobre o clima, nas diferentes aldeias camponesas da região em que viviam os ucranianos nessa época. O primeiro é um editorial do periódico *Missionar*, editado pelos padres basilianos da cidade de Jovku (Galícia Oriental) em 1897. Ao fazer uma introdução sobre a migração ao Brasil, os editores afirmaram:

Nosso povo foi aliciado para lá por especuladores espertos, que os ricos do Brasil contrataram para que lhes vendessem o trabalho duro e barato de nossa terra, e a outros atraiu a notícia de que o Brasil distribui terra para as pessoas por pouco dinheiro, e ainda outros a miséria e a pobreza daqui tangeram ao mundo além-mar. Mas como dizem, “para o pobre sempre há

vento nos olhos”, e assim também acontece com os nossos imigrantes. Alguns deles foram para o fundo do mar, não chegando ao Brasil; outros os índios selvagens da floresta assassinaram; milhares chegaram à verdadeira escravidão nas sedes das fazendas dos ricos sem Deus, outros milhares morreram de fome e de doenças nas florestas brasileiras, alguns fugiram de volta para a velha terra, apenas parte conseguiu pedaços de mato sob os arbustos e os beneficiam devagar para um melhor destino. JOVKIUSKEI (1897, *apud.* GUÉRIOS, 2007, p. 36).

Defendendo as informações recebidas por agentes de migração, ou por esses intelectuais, alguns camponeses partiram rumo ao Brasil, ou ao Canadá, convencidos que uma ou outra dessas opções, poderia mesmo significar a diferença entre uma vida e a morte. Iosef Oleskiv, que era um dos poucos intelectuais de origem ucraniana que vivia em Lviv, veio ao Brasil em 1895 para conhecer as condições de instalação de seus conterrâneos. No final desse mesmo ano, ele publicou um livreto chamado *Pro vilni zemli* (“Sobre as Terras Livres”) no qual afirmava enfaticamente que o Canadá era uma opção melhor para a emigração dos ucranianos que o Brasil:

[...] Se alguém me pedisse para descrever em uma palavra o que o Brasil significa para os nossos emigrantes, essa palavra seria sepultura. Não apenas uma sepultura para suas esperanças de um futuro melhor, mas também uma sepultura no sentido literal. Estou certo de que todos os que seguiram e pesarem cuidadosamente os fatos conforme eu os descrevo aqui, palavra por palavra vai chegar a mesma conclusão [...] (Morski, 1914, *apud.* Guérios 2007. p. 51)

Do lado dos camponeses ucranianos, efetivamente, o desconhecimento e a incerteza acerca do que se passava tornou a experiência da vinda para o Brasil muito mais angustiante. Alguns dos episódios a que temos acesso, nas fontes disponíveis nos transmitem um pouco dessa angústia experienciada por eles. Klobukowski conta que já no Brasil, ao visitar as colônias para conhecer as condições de assentamento dos colonos, passou por acaso pelas barracas onde estavam instalados os camponeses, que tinham vindo no mesmo navio que ele. Ele descreveu esse encontro do seguinte modo: “A hospedaria era uma espécie de paiol [...]”. Dezenas de pessoas estavam deitadas umas ao lado das outras. Entramos munidos de lampiões. Cercaram-me, beijando as mãos e as orlas do casaco. Perguntavam e expressavam sua alegria em me rever. “O senhor é um anjo!” “Veio ao nosso meio!” esta atitude partia de homens, mulheres e crianças. “Encontravam-se em trajés lamentáveis” (KLOBUKOWSKI, 1898).

A simples presença de uma “autoridade” vinda do seu país natal fazia os migrantes se sentirem mais amparados. Mesmo assim, compreendemos nitidamente

que os imigrantes estavam frente a um mundo completamente novo, e não tinham noção do que seria relevante e do que seria secundário nesse novo espaço.

As lembranças escritas no processo migratório até a chegada na tão sonhada terra, nos leva a refletir uma imagem de ostracismo em não registra na lembrança os fatos vividos até ali e sim começar uma escrita de tributos aos migrantes, que com suor, lágrimas e sangue, construíram as colônias a partir do nada. Esse processo migratório começava a se transformar em epopéia, e é nesse novo registro que ele seria apropriado pelos descendentes dos primeiros migrantes.

AS TERRAS DO PARANÁ

Desta maneira, os imigrantes ucranianos que chegaram ao Paraná dos contingentes significativos na década de 1900 ainda sofriam muito para chegarem às terras com processo de colonização, por parte do governo provinciano. A maior parte destes contingentes galicianos ao desembarcarem no Porto de Paranaguá subia até aos arredores de Curitiba, onde permaneciam por muito tempo por uma série de motivos entre os quais; fatores climáticos, excesso de chuva, invernos rigorosos, falta de transportes, falta de estradas até o local das terras e situações de ordem burocrática do próprio governo.

No Início do século XX algumas mudanças de ordem política ocorreram no governo paranaense, especialmente a criação e união de novas secretarias. Ao mesmo tempo as áreas de florestas continuavam desocupadas em vários pontos do território paranaense especialmente no sul do estado que contava com 84% de sua cobertura vegetal original, composta por uma densa floresta de araucária. A partir de então foi para esta região que o esforço de colonização foi direcionado. Dessa forma seriam fundados as colônias no vale do rio Iguaçu, rio Negro e rio Claro.

A demarcação dos lotes sempre estava nas mãos de engenheiros. Conflitos e demoras quase sempre levavam à demissão do engenheiro. O engenheiro Francis Chartier desenvolveu inúmeros trabalhos em colônias ucranianas e polonesas no Vale do rio Iguaçu. Já o Engenheiro Francisco Gonçalves de Figueiredo, *não sendo regular em seu trabalho foi dispensado pelo engenheiro fiscal*. Mesmo tendo duas Linhas atribuídas ao seu nome, a sua dispensa foi constatada em meados de 1896.

Os imigrantes participavam, portanto da instalação da colônia. Abriam picadas na mata, traçavam estradas, partiam madeira, levantavam casebres e

auxiliavam as equipes que mediam os lotes e lentamente iam tomando posse das novas terras. Desses trabalhos, dirigidos basicamente pelo engenheiro Chartier, foram nascendo diversas linhas coloniais. Em Julho de 1896, uma grande leva de ucranianos se instalou em 239 lotes coloniais, todos galicianos chegando ao fim a angustia dos *barracões*, e as tensões entre migrantes e nativos.

Avalia-se que todo o esforço foi para tentar captar a medida, o ritmo e a história dos imigrantes ucranianos, sob a premissa de que, embora exercitadas no Brasil, suas práticas camponesas derivavam de costumes engendrados no leste europeu. Particularmente, objetivou-se apresentar os elos que a comunidade imigrante de origem ucraniana estabeleceu entre composição domiciliar, ciclo de vida, e transmissão da cultura camponesa, cuja base se assentava na família, religiosidade e cultivo da terra.

Estes imigrantes ocuparam largo setor de atividades agrícolas na região, não só nas áreas da sua colonização inicial, como também em novas frentes pioneiras. As comunidades agrárias e mesmo os ucranianos que vivem nas cidades, conservam muito do estilo próprio de vida, seus costumes e tradições, notadamente a língua. E isso se reflete tanto na vida religiosa como na social da etnia, onde eles constituem uma unidade cultural, que integra o mosaico étnico da região.

Os grupos sociais sempre são criativos ao organizarem sistemas adequados no conjunto de funções, que uma determinada região atribui à família camponesa. Tal engenhosidade autoriza metáforas diversificadas das famílias européias, que atingiram o ocidente especialmente o Brasil, grifando a pluralidade dos arranjos camponeses, expressos em respostas, as coerções do ambiente socioeconômico, bem como, a disposição coletiva em reproduzir práticas coerentes que garantam o desdobramento temporal da lógica que organiza sistemas familiares específicos, os quais definam em seu interior, papéis próprios dos homens em seu ambiente. E, a princípio, a reprodução temporal de cada um desses sistemas tem relação direta com a manutenção dos mesmos fatores que o produziram, o que torna instigante analisar os efeitos da emigração sobre práticas familiares no campo.

Ao analisar as colônias ucranianas da região em estudo encontramos em escritos, e praticado pelos camponeses um vasto relacionamento cultural e religioso, no cotidiano das famílias em suas comunidades. Durante o ano todo, num calendário milenar de muito trabalho que envolve o artesanato, representado por bordados e desenhos seculares, cerâmicas, entalhes de madeira, tecelagem, onde

conservam as características bizantinas. Os padrões culturais mais preservados nas famílias descendentes e que pode ser observado, é a alimentação, enfeites da sala de visitas com quadro de santos, toalhas bordadas em ponto cruz, com motivos ucranianos. Os trabalhos artesanais, o uso de coberta de pena para dormir, a língua, a dança, a arquitetura das igrejas, os ritos religiosos, evidenciando uma característica bem forte da etnia ucraniana, que é a preservação de sua identidade cultural e religiosa, porém sem cunho nacionalista. Quer dizer que há uma perfeita integração e assimilação dos ascendentes com a cultura local ou regional, onde vivem sem negar, ou esquecer a tradição, a luta e as raízes históricas de seus antepassados.

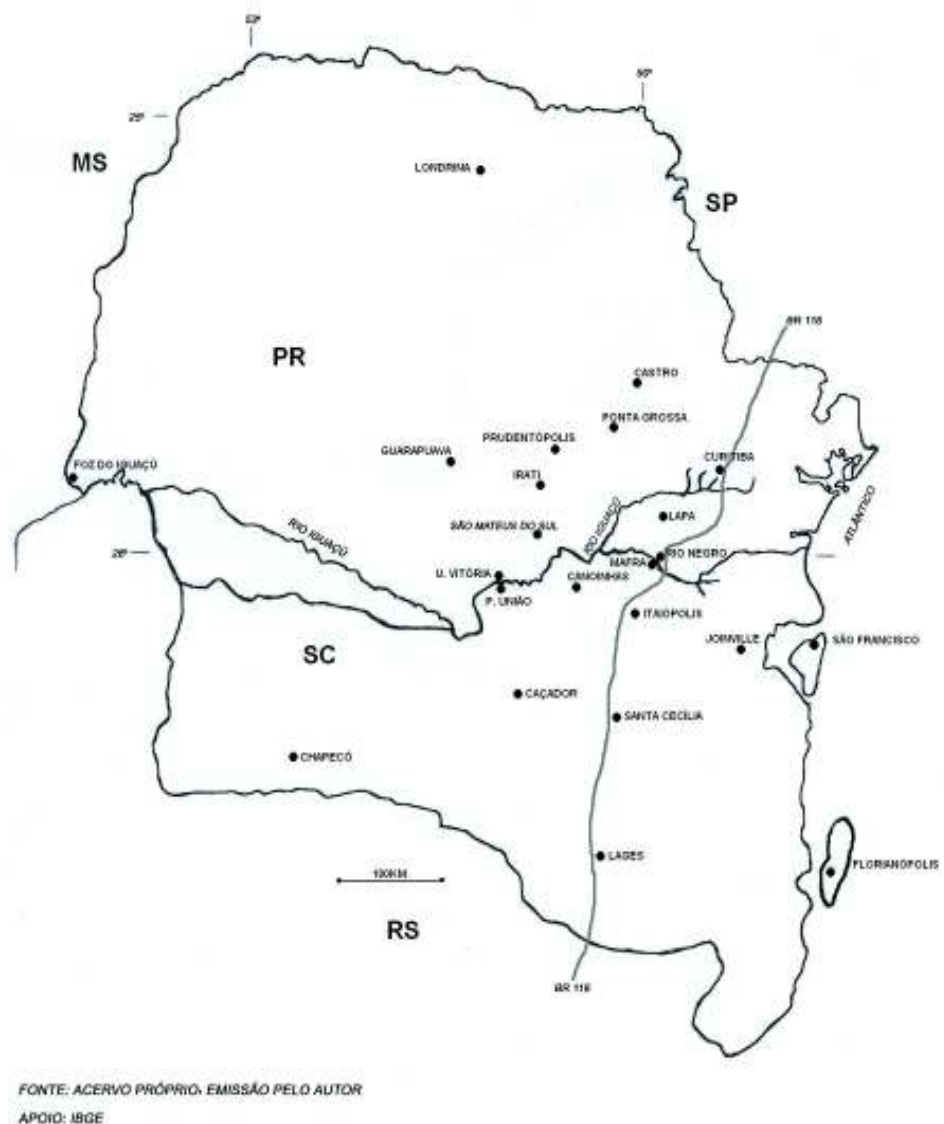
Um dos símbolos que envolvem junto a arte, religião e magia é a pêsanka, este ovo pintado o ano inteiro e que é doado aos amigos íntimos, visa a fertilidade da vida. Sempre é muito requisitado no período da Páscoa e no Natal. Fontes de memórias indicam que os ucranianos em paridades com os povos antigos, veneravam a natureza e os regentes dos elementos, especialmente o Sol, devido ao longo período de inverno até a chegada da primavera.

Depois de pesquisar o centro de cultura ucraniana em Prudentópolis no interior e posteriormente em Curitiba na capital paranaense, além de muita convivência no Vale do rio Iguaçu de ambos os lados (Norte de Santa Catarina e Sul do Paraná) o impacto de aprendizagem com esta etnia foi muito grande, diante da cultura e a religiosidade. Em suas condutas cotidianas há sempre duas rotinas, a do trabalho de campo e a rotina do calendário religioso, que lhes serve de parâmetro ao longo do ano.

Alguns elementos apresentados acima podem sentir a rotina dos camponeses ucranianos que vivem ainda da terra, o número de igrejas e o porte dos imponentes prédios de algumas, e muitas vezes no meio das modestas casas dos colonos, isto nos deixa muito claro, que as igrejas são base e grande pólo da vida comunitária em cada localidade. A estrutura física é muito cuidada, a missa é muito diferente do rito latino. Sendo toda cantada, a liturgia ortodoxa tem uma presença mística intensa e muito misteriosa no que vai ocorrer. A presença da cúpula bizantina faz com que os cantos ecoem e ressoem em toda a construção. Ao contrário do que ocorreu com o rito latino, após o Concílio Vaticano II, a ortodoxia manteve seu caráter misterioso de boa parte do rito, visto que os padres continuam rezando a missa de frente para o altar como os fiéis. Todos esses rituais são parte

integrante da rotina anual dos colonos ucranianos, e seus descendentes da região pesquisada. A repetição ano após ano é naturalizada por boa parte da população, o que significa que cultura e rito religioso, estão imiscuídos de tal forma em sua percepção de vida cotidiana, que ela não é imaginável sem suas presenças.

As colônias ucranianas da região do vale do Iguaçu se encontram na rota do turismo religioso e recebem ucranianos do mundo todo para falar a língua, rezar no rito ortodoxo (Bizantino), praticarem a culinária e apresentarem suas danças folclóricas, que nasceram em solo negro e fértil do leste europeu.



Fonte: Acervo próprio. Emissão pelo autor, apoio IBGE. Região Pesquisada: norte de Santa Catarina e sul do Paraná. Vale do rio Iguaçu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que o artigo exposto busca a descrição das vicissitudes históricas da imigração ucraniana, constituídas por esses interlocutores, submetidos as mais diversas situações de vida, a mobilidade sociocultural, que leva todo indivíduo a enfrentar novas formas de adaptação. E na medida em que muda o seu próprio comportamento, tornando-se mais tolerante, ou menos tolerante, mais cooperador, ou menos cooperador, o indivíduo desenvolve novas condições, às quais reagirão aqueles que com ele convivem. A imigração contribuiu para este processo, pois, naturalmente, não se imigra para permanecer-se proletário. Num país como o Brasil, o imigrante raramente se mantém isolado em sua ascensão; em geral, leva consigo número maior ou menor de membros da comunidade, criando novas possibilidades de promoção social. E os ucranianos são claros exemplos disso.

As dinâmicas presentes, nos processos de adaptação de imigrantes à terra de adoção, são as mais variadas, e sem dúvida, o local de estabelecimento determina em muito o ritmo da adaptação do grupo a nova realidade. Como foi apontado durante o trabalho, o grupo em tela veio ao Brasil, no interior da política de estímulo à pequena propriedade rural implementada pelos estados no sul do Brasil. Essas colônias rurais marcaram a paisagem brasileira a tal ponto, que aos olhos dos brasileiros, percorrê-las, equivalia a um passeio pelas aldeias do interior da Europa. De fato, a mais de um século estamos vendo cada uma delas se constituir com muitas características culturais dos imigrantes.

Muitos das manifestações do povo ucraniano, foi e é preservado pela força da tradição das famílias, que de geração a geração, vão transmitindo em seu cotidiano, um pouco da arte, dos costumes e da língua. Além disso, a manutenção e a presença dos grupos de danças, folclóricas, igrejas e de pessoas intelectuais que lutam pela cultura, história, memória e patrimônio, conseguindo assim, segurar e mostrar os traços e vestígios desta tão importante etnia.

As possíveis considerações deste estudo, numa visão literária e in loco, podemos sentir no campo do nosso entendimento que o imigrante ucraniano, vindo de um ambiente de intrigas, opressão, perseguição religiosa, obteve no Brasil, graças ao apoio de sacerdotes, religiosas e líderes leigos, um crescimento acentuado em sua maneira de viver. Aqui encontraram liberdade espiritual e cultural,

valorização como ser humano, um dos objetivos almejado pela etnia ao emigrar de sua terra. Para esse resultado, contribuiu a liberdade dada ao imigrante pelo governo brasileiro e a infiltrada distância do interior para os centros urbanos. Entendemos ainda que este grupo não obteve um enriquecimento material significativo, devido à precariedade dos recursos utilizados no meio rural. É bem recente o apoio dos diversos órgãos governamentais da agricultura na região em estudo, região esta marcada pela pequena propriedade e de produção diversificada.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. **Linhagem do Estado Absolutista**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- ANDREAZZA, Maria Luiza, **Paraíso das Delícias**. Curitiba/PR. UFPR, 1996. *Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Federal do Paraná, 1996.*
- AMARAL, Luiz. **História Geral da Agricultura Brasileira**. São Paulo: Nacional, 1978.
- ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. Setor *Política Interna*, 1999.
- BORUZENKO, Oksana. **Imigração ucraniana no Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1979.
- BURKO, Valdomiro. **A Imigração Ucraniana no sul de Brasil**. Curitiba: Grafipar, 1963.
- GUÉRIOS, Paulo Renato. **Memória, Identidade e Religião entre imigrantes rutenos e seus descendentes no Paraná**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2007. Rio de Janeiro. 2007. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.
- HANEIKO, Valdomiro. **Em Defesa de uma Cultura**. Rio de Janeiro: Cobrag, 1974.
- HOBSBAWM, E. **A era dos impérios: 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- HORBATIUK, Paulo. **Imigração Ucraniana no Paraná**. Porto União/SC, Uniporto Gráfica e Edirora LTDA. 1989
- IANNI, Constantino. **Homens sem Paz**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- LIVRO TOMBO DO CURATO. 1911-1980, Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, Curitiba.
- MARTENETZ, Osyp. **Relatório do 1º. Seminário Ucraniano no Brasil**, Prudentópolis/PR, Grafipar, 1996.
- MIRCHUK, Joseph. **Ukraine and People**. Munich/Germany, S/Ed., 1949.

MORAZÉ, C. **Os burgueses e a conquista do mundo: 1780-1895**. Lisboa: Edições Cosmos, 1965.

PORTAL, Roger. **Os Eslavos: Povos e Nações**. Lisboa: Cosmos, 1968.